N.º 8 (130) — 3.º ANNO

Terça-feira, 20 de Dezembro de 1910

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico

Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO

CARICATURISTA
SILVA E SOUSA

ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

Composto e impresso na Typographia do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUÃO»

Redacção e administração: T. da Espera, 53, 1.º — LISBOA

ECONOMIAS

SILVA E SOUZA

De como o castigo de borracha das freiras, póde servir para castigar alguns borrachos.

ASSIGNATURAS

(Pagamento adeantado)

Anno	1$000
Semestre	500
Trimestre	300

A cobrança feita pelo correio custa mais 100 réis.

Assignatura extraordinaria sómente em Lisboa, 20 réis, pagos no acto da entrega.

Todos os pedidos devem ser dirigidos á administração.

T. da Espera, 53, 1.º, E.

LISBOA

AVISO.—A nossa redacção e administração, passa a ser do dia 1 de janeiro em deante na rua da Rosa, 162, 1.º, esq., Lisboa.

Uma casa de doidos

Já no tempo do saudoso Bombarda, o hospital dos doidos, era o que se chama um hospital de... doidos, mas emfim! tinha um director ajuizado e capaz de repôr os *doidos com juizo* (isto sem reclamo á comedia do mesmo nome).

Mas depois que este homem de sciencia desappareceu do numero dos vivos, os doidos ficaram completamente... doidos varridos!...

Ora neste momento debate-se uma questão deveras capital para a capital... dos doidos.

Quem deve ser, ou por outra, quem terá juizo forte, para dirigir e curar os de juizo fraco?

Serão os nacionaes?

Serão os extrangeiros?

Não se sabe e tudo anda doido... ou parece ter perdido o juizo!

Os de juizo... nem muito nem pouco, antes pelo contrario, não querem perder o que teem, curando os que o não teem.

Os de pouco juizo, tambem não se encontram aptos para curar os collegas, isto porque já se provou ha muito e ainda hoje parece ser um facto, que é maior o numero de doidos que andam cá por fóra á solta, do que aquelle que lá está de portas a dentro.

Querem vocês saber o que aconteceu a um amigo nosso, que uma vez foi visitar Rilhafolles!

Pois ahi vae:

Uma tarde, tirou-se dos seus cuidados e foi visitar o manicomio, mas este nosso amigo tinha um cão que o acompanhava para toda a parte, e por isso na visita ao hospital levou o animal (rima e é verdade).

Percorreu todas as dependencias, visitou tudo minuciosamente, sempre acompanhado do cão que trazia preso a uma cordita.

Num dos corredores, quando ía já a sahir, encontrou-se com um doido, que lhe perguntou:

—Esse cão é seu?

—E', porquê?

—Bonito bicho!

—Parece-lhe?

—Não parece, é. E diga-me, quanto gasta o senhor com elle por dia, em comida?

—Dôze vintens.

O doido poz-se a rir.

—Duvida? perguntou o visitante.

—Não duvido, não!... Sabe porque me rio? E' por eu estar aqui encurralado, e o senhor andar lá por fóra á solta!

Perceba agora quem quizer e tire-lhe a moralidade que quizer tambem, e depois digam-nos qual dos dois era mais doido: se o que estava preso por ter passado miserias e privações a ponto de endoidecer, se o outro, que gastava com um cão, o que não gastaria com um racional.

Ora é por estas e por outras mais, que os homens chamados de juizo estão a vêr quem d'entre elles irá parar a Rilhafolles.

Se fossemos juizes nesta causa, diriamos que o melhor, seria os proprios doidos elegerem entre si, aquelle que os deveria dirigir e curar, porque assim não se sujavam *duas casas*...

NOTA DA CHRONICA:

O Franco vae visitar uma quarentona a quem faz a côrte.

—Não gosto nada de o vêr de calças arregaçadas, diz ella; demais, o senhor tem um pé enorme para as trazer assim.

Elle, muito atrapalhado:

—Descance, para a outra vez quando cá vier, deito logo as calças abaixo...

O Poema da Rua

II

Em que o auctor encontra uma photographia de mulher, raspada nos olhos.

Rasgada! Mas quem foi que te rasgou,
Pobre photographia de mulher!
Se és feia ou linda eu não posso dizer,
Porque houve alguem que os teus olhos roubou!

Homem talvez que um dia te adorou,
A quem de amor fizeste enlouquecer;
Ciumento e triste, farto de soffrer,
Em deixar-te céguinha se vingou!

Ah! se eu fosse pintor, photographia,
Agarrando o pincel te pintaria
Uns olhinhos que fossem meus feitiços...

Um verde, outro encarnado. Divinal!
Serias a Republica ideal,
Portugueza de lei... de olhos postiços!...

MANUEL CHAGAS.
(Pardiéo)

Antonio José d'Almeida

Realisou-se na quinta-feira passada o enlace matrimonial do nosso querido amigo sr. dr. Antonio José d'Almeida, illustre ministro do Interior.

O *Zé*, mesmo cá do *interior*, deseja muitas felicidades ao seu amigo e... muitos Antonios Zés pequeninos.

Em Alfama já apanharam mais de dez mil ratos.

Parece-nos que se as syndicancias continuam aos *arranjinhos* monarchicos ainda nas repartições publicas se apanha maior numero de *ratas*.

—Saber-se aonde foi parar a tal carta, que o Manel entregou ao Serrão.

—Saber-se a quem tem sido distribuido o dinheiro, apurado pelos bandos, recitas e touradas.

—O nosso jornal deixar de se exgottar.

—A Camara Municipal pensar em tratar da celebre questão das carnes.

—O povo estar satisfeito com o ministro das finanças, emquanto não vier o tal decreto sobre o consumo.

—O governo provisorio reformar o grande actor Joaquim de Almeida.

—Concluir-se a syndicancia á casa da moeda.

—Ser *recompensado* dos bellos serviços que praticou, o *innocente* Xuãosinho.

—Saber-se quando acabam os banquetes de homenagem.

—Os garotos dos jornaes deixarem de chamar ao *Intransigente*, *Intruja a gente*.

—Fazer alguma differença á familia, que as aristocraticas madamas deixem de subscrever para as Cosinhas Economicas.

—Saber-se quando é que os *adhesivos* deixam de arranjar empregos.

—Ficarem todos contentes com a lei do descanço semanal.

—O Dr. Alfredo de Magalhães ficar dois dias n'um logar.

—Acabarem as narrativas da Revolução.

—Saber-se quando é que o snr. Alpoim adhere outra vez á monarchia.

—Acabar a *febre* dos conferentes, humoristicos e... sem se rirem.

—Saber-se qual seria o *Amor no Theatro* do nosso collega Urbano Rodrigues.

A Revolta

Sahiu o 1.º numero d'este bi-semanario republicano-radical, de que é director o nosso prezado amigo Leandro Navarro.

Ao novo collega, que se apresenta muito bem redigido, enviamos as nossas felicitações.

—Ai, Annica, vou morrer
—E eu falleço de tristeza!

GLOSA

—Quem havia de dizer
Que o meu amor se casava...
—Sempre julguei que *m'amava*.
—*Ai, Annica eu vou morrer.*
—Não posso nunca esquecer
Esse tolo, essa lindeza...
—Que maldita madureza!
—Por mim não tinha filé...
—Casou-se o Antonio José
—E eu falleço de tristeza!

IRIS.

O sr. Cunha e Costa na Camara Municipal atirou-se ao verde (á côr verde, é claro) como S. Thiago aos mouros.

Ficamos sabendo que o illustre jornalista não é vegetariano, e na sua mesa não appareceu nunca os saborosos grellos ou uma simples salada de agriões.

Então se alguem lhe mostrar um molho de rabanetes que tem verde e encarnado, é capaz de dar por paus e por pedras.

Pois, na humilde opinião pessoal de quem escreve o *Cinematroça*, o azul e branco é que nos lembra muito o manto da *immaculada* e nos fede immenso á porcaria do constitucionalismo.

Opiniões.

Por falar nada se perde
Quando a opinião atiça
E dou o voto pelo verde!
Gosto tanto de hortaliça...

•

Consta que já estão em projectos novos bandos precatorios para varios fins.

O' meninos, as intenções são muito bôas, mas o bando-mania já tem deixado o Zé sem vintem.

Agora não pode dar nada, e é feio, que n'uma capital se ande sempre a pedinchar com musica atraz.

Ha outros meios de angariar recursos, como subscripções, festas etc. etc., sem procissões diarias pelas ruas.

Não se zanguem comnosco, não?

Se os bandos são mais de cem
Em pró d'alguns miserandos,
Façam um bando tambem,
Para quem deu para os bandos.

•

Um jornal monarchico está fulo porque diz elle, que o rei deu uma carta a um corretor da Bolsa (?!) para ser publicada e até agora não apparece a grata missiva.

Realmente é um desaforo.

Salta de lá meia dose de carta para um!

Deve ser um encanto litterario bem digno de figurar em qualquer selecta para uso das escolas primarias.

O' digno corrector quem quer que é, deixe lá os fundos e ponha á tona da publicidade a carta adorada do pallido mancebo.

Que é d'ella a carta
Que elle te deu p'ra guardar?
Se a metteste no bahu
Trata já de a ir buscar.

ORLANDO.

O «summo» no Colyseu

Os amadores d'este genero de *sport*, estão verdadeiramente enthusiasmados com os habitantes do Japão, pois são elles os grandes filhos da lucta.

As damas principalmente, todas as noites enchem a vasta sala do Colyseu, anciosas por verem correr o *summo* dos japonezes.

O «Xuão»... ratão...

Isto, com franqueza, franquezinha, até nos dá vontade de rir!...

Então não viram o despacho dos doutos tribunaes, que — não se zanguem ó velhinhos!... — parecem que estão de casa e pucarinha com aquelle masmarro, que de *franco* só tem o nome? Foi acceite o recurso dos *honestissimos* dictadores sem mais tir-te nem gar-te, com uma cemcerimònia que até faz *incrible*. Na opinião dos conspicuos *cidadões* o *Xuãosinho* é mesmo innocente, que não morde o nosso dedo meiminho se acaso não tivessemos repugnancia de lh'o metter na bocca.

Fez dictadura, carregando sobre o paiz com quantas alcavallas e patifarias lhe deu na real gana? Mas isso não foi por mal...

Mandou chacinar o *Zé* em 18 de junho com uma audacia, que tocou as raias da selvageria? Mas isso foi para se entreter, que estava falto de distracções a pobre creatura.

Mandou centenares de pessoas para o Alto do Duque? Mas isso foi uma innocente brincadeira *inoffensiva*.

Estava disposto a fusilar os homens que tinham o atrevimento de falar em Liberdade? Mas afinal de contas isso era uma ideia pueril, que não tinha importancia nenhuma. Que raio de differença faziam umas centenas de almas desapparecerem, agora que a *vidinha* está tão cara?

Nada, decididamente os tribunaes tiveram mil razões e mais uma para absolverem o nosso *Xuão*, de inolvidavel memoria, porque foi uma pessoa de boas intenções, de diamantino coração, de bofe bem intencionado, de fressura muito bem collocada e mais miudezas em bom estado de conservação.

Uma aos *thalassas* magistrados... que são republicanos.

Que raio de confusão que esta gente faz... Qualquer dia vemos para ahi:

— *O Zé* — jornal *thalassa-republicano*. Olhem que brincadeira!...

Para terminar dirigimos um appello ao querido Xuão Franco, para que quando passar pela Travessa da Espera bata no ferrolho para lhe darmos duas beijócas de satisfação por não ter ido para a Penitenciaria...

Livra!

Boa sentença

Vejam como se vão desmascarando
Os ladrões que roubaram a nação,
E á sombra immoral da reacção
Tanto biltre se encheu sempre roubando.

A Republica agora governando
Sem acceitar desculpa nem perdão,
A aquell' que delinquiu, que foi ladrão,
Com o rigor da lei vae castigando.

Assim é que se entende com franquesa
Pois que muitos viviam de roubar
Ha muito se sabia com certesa.

P'ra tanta malandrice se acabar
Aos que viviam lá d'essa *grandesa*
Hoje o povinho diz: — Vão trabalhar!

ROSEJANO AMORIM.

Ainda haverá alguem em Portugal e colonias que não tenha um parente affastado ou proximo que fosse sempre republicano, para pedinchar empregos aos ministros?

Parece-nos que não.

Em cada trinta maridos
ha quatorze indifferentes,
dois dementes,
oito ciumentos, coitados:
com mais seis divorciados
e todos arrependidos.

Agora que tanto se falla na moeda falsa fabricada na propria moeda, seria bom indagar-se quantos três vintens falsissimos (moeda antiga) andarão por ahi com fama de verdadeiros.

Dou mil graças ao Senhor
De alegria n'um arranco,
Porque ficou sem valor
A prisão do dictador
Nosso amado João Franco.

Já não dá voltas á *pinha*
Mais mansinho que um cordeiro,
E o masmarro — que gracinha! —
Já não vae p'rá Parreirinha,
Já não vae p'ró Limoeiro!

Em paga dos *bellos* actos
Mais da sua *virgindade*
Vae beijar o padre Mattos
E sem fazer desbaratos
Fica á solta, em liberdade.

Quem fez tão bellas acções
Sem praticar tropelias,
Não podia ter grilhões...
— Vão prender os *cidadões*
Que o *Xuão* pôz em Caxias!

PRESIDENTE.

Era favor...

Os medicos andam todos abespinhados a discutir quem ha-de ir para Rilhafolles. Porque não mettem lá o *Xuãosinho*, coitado, que tanto precisa?

Uns tabaqueiros pandegos querem as tabacarias fechadas ao domingo com prohibição dos restaurantes venderem tabaco nesse dia.

Não querem mais nada seus homens?

Então ao domingo ninguem póde dar uma cachimbada?

Pois sim, Zé!...

Um reinadio de Extremoz, terra do barro, bom para bilhas... e para *bôlhas*, mandou a sua opinião para o jornal de que é correspondente, sobre as côres e feitoria dos novos sêllos postaes, apinando para que sejam os desenhos feitos por artistas portuguezes que mostrarão, (é de crêr!) o seu patriotismo.

O nosso amigo naturalmente escreveu artistas *portuguezas* e não *portuguezes*, visto que só as femeas sabem mostrar o *patriotismo*... n'estas coisas.

Sendo *portuguezes*, o mais que poderão mostrar é o Amor da Patria, mas isso não é cá para nós, que tambem o temos.

Zaruca. — Zarucos vinham os seus versos, seu grande *thalassa*.

Olhe, quando tiver d'aquillo, o Gomes Leal que lh'os corrija!

Vá para o diabo que o carregue, e não nos torne a incommodar.

Venus. — Ai! filha que bem que fallas! Olha que nós não somos Vulcanos, felizmente...

Infeliz. — Oh! meu amigo! conhecemos muitos nas suas condições.

Quer um conselho? Divorcie-se.

FANFARRONADAS — A ferro e fogo

— Arreda, que te espeto... Deixa passar o pequeno.

— Ena, que pressa!...

Correspondencia Quelhacea

Carta 5.ª

Setembro, 20.

Minha boa amiga:

Visto que m'o pedes contar-te-hei em que passatempos me entrego além d'aquelles em que já te fallei n'uma carta passada. Começarei por me referir a uma das coisas que aqui mais me preocupa: a pintura. Começa ao meio dia e tu não imaginas quanto é bello dar uma, dar duas, e mesmo três horas, e nós juntos á tela, de pincel na mão a dedicarmo-n'os de corpo e alma ao estudo da melhor combinação das côres. Temos cá elementos muito apreciaveis. Olha, uma recolhida de 22 annos, de fraca figura, cabello côr d'ebano, sobrancêlhas muito carregadas e olhos muito negros que entrou para a pintura aos 14 (coitadinha, tão novita!) já hoje faz cada esbatido que é da gente ficar de bôcca aberta e pedir por mais. Na proxima exposição de quadros o Recolhimento faz-se representar. Eu tambem lá levarei obra minha, pois então. Mas sabes qual a minha especialidade? Aguarella. Ora vê tu quem havia de dizer para que Deus me fadaria!!!! .. E estou uma aguarellista de primeira. No concurso de cá no anno passado, o maximo de valores eram trinta e seis, e calcula tu que me deram trinta e cinco.

Ai! mas a inveja pode muito. Olha, sabes o que fizeram as minhas companheiras? Puzeram-me a alcunha da «*menina dos trinta e cinco*». E sempre me tratavam assim fôsse onde fôsse. Tambem aqui me entretenho bastante com a costura, e sabes: é até muito util. Muitas das recolhidas quando sahem d'aqui fazem vida lá por fora pelo ponto. E deixemo-nos de coisas, minha amiga, não é nada mau; a mim servia-me, mas eu, credo! é tal a minha difficuldade em enfiar a agulha... Pouco geito e pouca vista. Pouca sorte, é que é. Depois tudo vai bem e quando tenho quem me ajude n'esse serviço, vae o resto ás mil e uma maravilhas.

Agora ando eu a fazer uns punhetes de lã para dar ás que sahem de cá este anno. São quinze as que se vão embora e algumas já teem collocação. Três vão para caixeiras. E' das taes vidas que nunca hei-de supportar. E' muito trabalho. Entra um freguez quer isto ou aquillo, toca a pôr tudo á mostra e depois querem vêr, remexer, apalpar... mas para quê? Para nada. E' um inferno! Viram as costas, desistem, e vão para outra casa. Oh! que maçada!

E por hoje basta, amôrsinho, que o rev. Gregorio já me chamou para ir para a cosinha. Imagina, vou descascar batatas e depois fazer o prato que me couber para o jantar.

Olha, são dois: cebolada e mayonese, qual preferias nos meus casos?

Eu antes quero o primeiro, isto de extrangeirismos são muito apimentados e lá diz o Gregorio «por mais que se coma pede-se sempre mais».

Adeus querida, atê quando puder.

Tua

Magdalena.

Sabem-nos dizer o que foi feito do syndicato dos Jornalistas?

A um defensor

Talvez mercê de perfidos empenhos
Tu defendeste o fero dictador
Da patria lusitana o vil traidor
Mais selvagem brutal do que os *riffenhos*

Buscaste e rebuscaste mil canhenhos
Para livrar de culpa tal senhor
Da liberdade o torpe insultador
Tão decantado em versos e desenhos.

Rasga a toga pois essa tal defesa
Implica por coherencia uma certeza
De que o cerebro teu não é famoso.

Quem defendeu o homem repugnante
Que um povo escravisou a seu talante
Louva amanhã um grande criminoso.

Orlando.

RECEITAS UTEIS

O *Zé*, que não deseja fazer monopolio do que sabe, dará de vez em quando algumas receitas de grande utilidade, começando por dar uma ás senhoras, hoje:

Para tirar as sardas da cara

Pega-se n'uma cara... com carinho e que valha mais d'uma *carinha*, segurando-a bem contra o nosso peito. Depois, com o maior cuidado vae-se tirando com um alfinete ou a ponta d'um canivete, todas as sardas da dita cara, até ficarem todas extrahidas.

As sardas podem depois coser-se e servirem-se com batatas, que é um petisco d'alto lá com elle.

Bandeiras

Já viram a chinfrineira,
A tremenda baralhada,
Que por causa da bandeira,
— Se é azul ou se encarnada
Ahi vae na Piolheira?

— Que verde é côr d'esperança...
— Que azul é a côr do céo...
— Branca, côr de pomba mansa...
E fazendo este escarcéo
Ninguem no paiz descança!

Diz um: A' côr azulada
Dou todo o meu coração!
— Isso é manto da Immaculada!
Eu quero a da rev'lução! —
Diz outro em voz assanhada.

E rogando a sua praga
Neste medonho berreiro
Que parece veniaga:
Quer *azul* mestre Junqueiro,
E quer *verde* o mestre Braga.

São dois sabios dominantes
Estes dois que assim contendem
Com idéas discordantes:
Quando os sabios não se entendem,
Que fará os ignorantes!

Viu-se Grego.

Contos rapidos

Guardado está o bocado...

Emquanto lá dentro, na igreja da aldeia, se celebrava o casamento da Maria Luiza, mais conhecida pela *Canhota*, com o João Nabiça, alguns dos camponezes agrupados no adro, troçavam fortemente o Manuel Pincha, por ter tido, como o outro que diz, o *passaro na mão e o deixar voar*, pois fôra um dos conversados da Luiza e, por uns arrufos quaesquer, pozera-se de mal com ella... agora sem esperanças de a chegar a possuir.

— Só tens um remedio, opinou d'ali um, como a aconselhal-o. E' voltares-te para a irmã, que tambem não é nenhuma peste.

Elle não fez caso do alvitre e foi-se afastando, pouco a pouco, disfarçadamente.

N'isto começavam a sair da igreja, vindo entre a multidão, os noivos que recebiam os parabens de uns e outros, cheios de jubilo.

Atrás d'estes, caminhava com um certo ar de tristeza e lentamente, investigando com o olhar, a Joanninha, irmã da Maria Luiza.

O Manuel atteutou melhor na rapariga e disse para comsigo que os rapazes tinham razão. A moçoila não era para despresar.

Metteu-se surrateiramente por entre aquella gente e chegou perto da cachopa.

Ella fitou-o e córou.

— Vae satisfeita, menina Joanna? perguntou elle baixinho.

— Eu?! Satisfeita?!... Não fui eu que me casei!...

— O que não quer dizer que lhe não venha a succeder o mesmo.

— Agora!... A mim ninguem me quer!...

— Acha isso?. . Pois olhe, eu tinha uma coisa a dizer-lhe, e, se a menina quizesse, logo... depois da ceia ..

— Que fazia eu depois da ceia?

— Ia ter comigo lá baixo, ao pé do cerrado que deita para a quinta do *Micas*.

— Nada, que o *seu Manel* pode fazer-me alguma!...

— Juro que é para bom fim! Tenho muito para dizer-lhe, mas aqui, não póde ser. Vai?

— Pois bem... Vou!

* * *

Durante todo o resto do dia a Joanninha comeu, bebeu, dançou, mas não se lhe tiravam do pensamento as palavras do Pincha.

Que diabo teria elle a dizer-lhe?

O Pincha era um rapaz perfeito, trabalhador, e possuia uns palmos de terra que davam bem para duas pessôas.

Não era bonito, é verdade, mas era sympathico e sabia falar.

D'isso tinha ella experiencia, de quando elle namorava a irmã.

Por fim, chegou a hora aprazada, e todos se despediram dos noivos partindo para suas casas, e, passados momentos, a aldeia estava em socego.

A Joanna, conforme poude, abriu então a porta e sahiu para o campo, caminho do cerrado.

D'aquelle sitio disfructava-se perfeitamente as janellas da casa das *Canhotas*, e o Manuel não desfitava os olhos d'uma d'ellas em que se via brilhar uma luz.

Era o quarto dos noivos.

Sentia lá dentro do peito qualquer coisa que lhe atrofiava a alma, mas... que fazer agora...

Quando viu que a cachopa não faltava á entrevista, ficou como se acordasse d'um sonho, cheio de contentamento.

De que palavras se serviu para persuadir a rapariga, o que lhe prometteu, ou como lhe expressou todo o amor que sentia por ella, ignoramos.

Mas o que sabemos é que, quando a luz se apagou de todo no quarto dos noivos, ainda o Manuel se entretinha com a irmã da *Canhota*.

Ariel.

— O' senhora Rita, sabe-me dizer quando apparecerá o decreto com respeito aos direitos de consumo.

— Eu sei lá, mulher!... Cada um diz a sua coisa...

— Estou desconfiada que tantos promettimentos não passam de cantigas!?...

— Cantigas, cantigas... não digo, mas que ha de levar tempo, não padece duvida.

— E se vier...

— Dizem que sim, que se está tratando da organisação da lei a todo o panno.

— O que sei é que cada vez está tudo mais caro.

— Mais caro e peor!... Olhe, os óvos já estão a dezoito vintens a duzia, o azeite a crusado, o assucar...

— O assucar!... Não me fale no assucar?... E' terra, ou gesso, ou que diabo é!?...

— E não adoça nada.

— E' verdade!

— Até o diabo dos fósforos, farta-se a gente de esfregar na caixa e não accendem nem por mais um!... Desfaz-se a cabeça, e nada!...

— E' verdade!... Meu marido tambem se queixa de que se farta ás vezes de esfregar na caixa, e nada... não vae...

— E o peixe não está pela hora da morte.

— Olhe, hoje, antes de vir para o tanque, comprei meia duzia de pescadinhas, sabe por quanto?

— Três vintens!

— Qual!!... Seis vintens!... E olhe que não tinham mais de meio palmo, se é que tinham.

— Foi caro, foi!...

— Comprei tambem um bezugo para frigir para a ceia, que esse lá foi mais barato... meio tostão, mas tem bem um palmo...

— Eu não gosto muito de bezugos!

— Ah!... Pois eu pello-me!...

— Mas tornando á vacca fria; dizem que os taes direitos de consumo, não veem beneficiar nada os pobres.

— Não veem?!...

— Não, porque o que elles diminuem em alqueires ou decalitros, é tão pouco, que não se pode fazer differença na venda por litro.

— Ai! .. não me diga isso!... Então não ha de haver differença?!...

— Ha, mas é a favor dos negociantes! Esses é que veem a ganhar com o negocio.

— A quem o diz!...

— Pois se elles, já hoje, compram os generos por metade do preço, e d'ali a dois dias, dizem que encareceu no mercado, e toca a levantar tudo!...

— E' isso, é!... Olhe, um sei eu, que comprou uma porção de vinho ao Zé Maria dos Santos, a 55, e vendia-o a tostão assim que elle fechou!

— Ora veja lá, hein!...

— Assim é que é ganhar dinheiro.

— Ganhar?!... Eu chamo a isso roubar!!...

— O que sei dizer é que cada vez estamos peor, isso é que é!...

— Pois se o mal já lá vem de traz...

— Mas sempre julguei que a Republica endireitasse isto.

— O' menina!... mas as coisas não se fazem assim de pé para a mão!... Tudo leva tempo!... Vamos que já muito tem ella feito!...

— Não digo que não, mas não vejo que os pobres tenham ganho muito.

— Ganham, ganham!... Principalmente em se arranjando as novas casas de trabalho, já os verdadeiramente pobres, os mendigos, teem onde se abrigar.

— Agora por mendigos: Que quantidade d'elles que anda por ahi a pedir, e então alguns apresentam cada aleijão, que até faz horror!...

— E' verdade!

— E a policia deixa-os andar!...

— Pois sim, mas já se falá em lhes dar caça, e mettel-os nos asylos.

— Fala-se, fala-se, mas executar é que não vejo.

— Ha de ir com o tempo.

— Sim, sim, dê-lhe com o tempo, e d'aqui até lá, não me dôa a cabeça.

— Ai!... deixe-me ir embora, que hoje tenho muito que fazer.

— Vae já para casa?

— Vou, sim filha; ainda tenho de ir escamar o bezugo...

O nosso velho barbeiro ainda é mais *thalassa* que o proprio dictador.

Obriga a mulher a andar de saia de xadrez azul e branco e a trazer ao pescoço uma especie de rosario com uma cruz de ouro, que nós desejariamos ter para... ir engrandecer o museu das muitas coisas que temos no *prégo*.

Falador como quasi todos os Figaros, o mestre ensurdece os fregueses com citações dos jornaes monarchicos e da asneirenta *Palavra* da jesuitada tripeira.

Quem o conhece ri e trata de interrompel-o no melhor da festa dizendo-lhe de subito:

— O' mestre olhe que me deu um lenho! Se você fizesse a barba ao João Franco elle não o queria lá para correligionario!

E emquanto elle procura o lanho que não existe, está callado e perde o fio ao discurso.

Ainda no sabbado quando annunciava contra-revoluções e o diabo alguem o interrompeu perguntando-lhe de repente que peça ia no theatro da

Republica que, como se sabe, tem lá uma companhia francêsa de que é *estrella* a distincta actriz Blanche Dufresne e que se estreiou com *l'Aiglon* peça de grande successo.

Metteu os pés pelas mãos e respondeu que ia o *Noventa e trés*, um drama do *jacobino* Victor Hugo, peça que aliás está em scena no

Nacional (Almeida Garrett), theatro que passou a ter um nome um bocadinho comprido.

São *ordes!*

Toda a gente riu e o velho encavacado tentou reatar a léria dos boatos alarmantes, arma que é muito de uso dos apatifados *thalassas*.

Não o conseguiu, porque em se falando em theatro a politica vae dar um passeio.

Portanto, discutiu-se o que vae agora no

Gymnasio que é uma *comedia-charge O rato azul* que tem boa piáda e o que sobe á scena na

Trindade onde o *Paiz do vinho* dá as ultimas, visto que na sexta-feira 23 vae a linda operetta *Amor de principes* posta em scena como o infatigavel Taveira sabe.

Já vimos no Grandella os ricos vestidos de baile que ali foram confeccionados para a linda peça de Elysier e ficamos estarrecidos.

Como ainda não pudemos, cá por cousas ó Rosa, ir ao

Apollo ao *Fado* que é cousa onde muita gente tem ido parar, visto que o theatro enche-se todas as noutes, lembramos o luxo que tambem se exhibe no

Avenida onde vae a nova operetta de Franz Lehar *O Conde de Luxemburgo* que tem linda musica. A proposito lembrámos que na quinta feira ha nesse theatro uma conferencia pelo humorista brasileiro *João Phoca*.

Um *ginja* muito mais engelhado que a *ginjinha* das portas de Santo Antão, mas curtido em alcool como ella, deu-lhe para o sentimentalismo e declarou que agora só ia á

Rua dos Condes já por ser uma rua aristocratica que ainda usa titulo, já por levar no seu theatro commoventes dramas como o que agora vae que é o *Conde Monte Christo* correctamente representado pela modesta companhia Alves da Silva.

Um brejeirão que estava á espera de que lhe frizassem o bigode indicou logo o novo theatro da Rua da Gloria, o

Alegria que tem em scena a revista do Arriegas *Roupa lavada* com agradavel musica do maestro Canhão.

O barbeiro suáva por não poder falar em politica fazendo a propaganda *monarchicó-rapa queixos*.

Varias vezes tentou, mas alguem falava logo no

Colyseu dos Recreios onde ha a lucta japonesa e uma bela companhia de variedades e no

Colyseu de Lisboa que exhibe o celebre Raymond illusionista incomparavel.

E vieram á baila no sabbado os variados espectaculos no theatro do **Rocio, Phantastico,** salões **Avenida, Chiado Terrasse, Borralho** e tudo quanto de divertimentos havia em Lisboa.

O barbeiro estava apopletico e só no final teve um desabafo:

— Divirtam-se e riam que não tarda que venha *D. Manoel* e então hão de chorar!

Perdeu uma bella occasião de estar callado.

Oscar.

Julia Mendes

Tem experimentado sensiveis melhoras nestes ultimos dias, esta estimada actriz.

O seu rapido restabelecimento é o que sinceramente lhe desejamos.

Secção charadistica

Decifrações do n.º 6

1. Fortunato, Feliciano, Balthazar, Florencio, Silvestre, Sebastião, Ameliano, Prudencio, Agostinho — **2.** Remora.

(1) **Em phrase**

O cantico e o rio estão n'esta villa 2—2.

Sevetse.

(2) O Rio da Noruega banha a celebre cidade do insecto 2—1—1—

Leandro da Montanha.

Apezar dos protestos do Adamastor azul e branco, o barquito lá vae dobrando o **Cabo das tormentas**.